Crônicas para ler e ouvir

Volume 2

Organizadores

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muños

Carla de Oliveira Tôzo

ECA
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

CJE
JORNALISMO E EDITORAÇÃO

Universidade 93.7

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

VOLUME 2

Luciano Victor Barros Maluly
Daniel Azevedo Muñoz
Carla de Oliveira Tôzo
(Organizadores)

ECA-USP - 2023

CRÔNICAS PARA LER E OUVIR

VOLUME 2

Luciano Victor Barros Maluly
Daniel Azevedo Muñoz
Carla de Oliveira Tôzo
(Organizadores)

ECA-USP - 2023

“Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada"

Foto e Capa: Daniel Azevedo Muñoz e Felipe Parra de Oliveira

Diagramação: Daniel Azevedo Muñoz

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Luciano Guimarães

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Wagner de Souza e Silva

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C947 Crônicas para ler e ouvir [recurso eletrônico] : número 2 / organização Luciano Victor Barros Maluly, Daniel Azevedo Muñoz, Carla de Oliveira Tôzo. – São Paulo: ECA-USP, 2023. PDF (73 p.)

ISBN 978-65-88640-87-6
DOI 10.11606/9786588640876

1. Radiojornalismo. 2. Jornalismo literário. 3. Crônica. I. Maluly, Luciano Victor Barros. II. Muñoz, Daniel Azevedo. III. Tôzo, Carla de Oliveira.

CDD 22. ed. – 070.194

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Índice para catálogo sistemático

1. Comunicação: 302.2

Creative Commons 4.0 Atribuição, Não Comercial Sem derivação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **6**

AMOR **7**
Amor de Família **8**
Brenda Fernandes da Silva
A-M-O-R, A-M-A-R, 4 Letras e 4 Letras **9**
Caroline Kellen Lisboa da Silva
Crônica de um Casamento **11**
Isabella Aparecida Santos de Oliveira
Trilha do Amor **13**
Julia Castanha dos Santos
O Show **15**
Larissa Leal Alves de Almeida
Do Meu Tempo que Fui Adotada **17**
Rosiane Lopes da Silva

CINEXPERIÊNCIA **18**
Em Casa ou no Cinema? **19**
Bianca Aguiar Camatta
Windsor **21**
Diogo Bachega Paiva
A Batalha das Pipocas **23**
Eduarda dos Reis Ventura
Memória de Infância **25**
Gabriel Gama Teixeira
O Cinema na Minha Cidade **27**
Julia de Moraes Custódio
A Magia de Volta **29**
Rebeca Fonseca de Ávila

MEMÓRIA **31**
Eu Sou do Mundo **32**
Karolina Nascimento de Sá Monte Oliveira
Quase um Descuido **34**
Laura dos Santos Guedes
Meu Avô **36**
Lorraine Moreira
Por que Ainda Lembro de Você? **37**
Maria Carolina Milaré Albuquerque
Meu Tio é Bom? **39**
Matheus Marques Nistal
Zé Carioca **41**
Renato Brocchi

MÚSICA E AFETOS **43**
Música que Toca **44**
Amanda Marangoni Fraga
Maria **45**
Carolina Borin Garcia
Pra Sempre me Lembrarei Dessa Noite **46**
Emilly Gondim da Silva
Entre Notas e Baldeações **47**
José Vieira dos Santos Júnior
A Forma da Criação Musical **48**
Lara Arruda Paiva
A Primeira Nota **49**
Mariana Carneiro de Souza

SORTE **50**
Sorte em Trânsito **51**
Ana Luiza de Araujo Vaz Cardozo
Sete Anos de Azar **52**
Beatriz Gimenes Sardinha
Dar Sopa para a Sorte **53**
João Pedro Barreto Fontes
Maior Sorte **55**
Lívia Batista Magalhães
Eu Já Escuto os Teus Sinais **56**
Luana Costa Franzão
Carta para os Desavisados **58**
Thiago Campolina de Sousa

TORCIDAS **60**
Tantas Vezes Flamengo **61**
Antônio Victor Gama Misquey
Ritos Estranhos **63**
Filipe Albessu Narciso
Empolgação de um Jornalista **64**
Gustavo Assef Foltran Marsiglio
O que é Torcer para o Não Torcedor? **66**
João Francisco Motta Aguiar
Meu Sport **68**
Reginaldo Ramos Silva Filho
A Nuvem Azul **70**
Valentina Moreira e Cândido

REFERÊNCIAS **72**

Introdução

Este livro de crônicas é fruto das atividades desenvolvidas pelos alunos da disciplina CJE 0603 - Radiojornalismo do primeiro semestre de 2023.

Originalmente, as crônicas foram produzidas para integrarem um programa voltado ao radiojornalismo opinativo. Logo depois, os roteiros desses trabalhos foram adaptados para a versão em texto para este *e-book.*

A turma foi dividida em seis grupos, com as equipes abordando temas diferenciados. Cada integrante produziu uma crônica em áudio e texto.

Assim, foram produzidos programas sobre crônicas de *Amor, Cinexperiência, Memória, Música e Afetos, Sorte* e *Torcidas* e, cada um deles, contou com a presença de um convidado para comentar as crônicas.

Os programas em áudio serão transmitidos pela Rádio USP entre 31 de março e 27 de maio de 2024 e estarão disponíveis em forma de podcast pelo Portal do Jornal da USP[1] e pelo repositório digital do programa[2].

Uma produção árdua feita com dedicação pelos alunos do curso de Jornalismo do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Boa leitura!

Luciano Victor Barros Maluly
Daniel Azevedo Muñoz
Carla de Oliveira Tôzo

[1] https://jornal.usp.br/ Acesso em 10 de agosto de 2023.
[2] http://www.usp.br/radiojornalismo/ Acesso em 10 de agosto de 2023.

AMOR

Amor de Família

Brenda Fernandes da Silva

O amor de família é um assunto um tanto complexo para muitas pessoas. Hoje eu tive uma conversa super profunda com a minha mãe, assim, como se ela fosse uma amiga muito íntima ou minha terapeuta. E isso me deixou meio pensativa… meio perplexa…!

Afinal, eu nunca contava nada pra minha mãe. Éramos bem distantes uma da outra, mesmo morando na mesma casa. Inclusive, minha perplexidade aumentou por um fato simples: hoje nós não moramos na mesma casa.

Ao me afastar dela fisicamente, eu me aproximei emocionalmente. Quando eu estava lá com ela, tudo que eu queria era ir embora e nunca mais voltar. E, agora que estou aqui, não há um minuto sequer que eu não sinta saudade dela e queira um abraço. Antes, eu não entendia como era esse tal amor incomparável de família, na qual as pessoas matam e morrem só porque aquela pessoa é sangue do seu sangue.

A questão, é que, não é o sangue. É a alma.

É na alma que a gente se conecta com a nossa família. Às vezes, isso não é possível, mesmo que a gente queira porque é o outro que não quer se conectar. E, em muitos casos, a família é até mesmo quem abandona ou maltrata. Segundo os psicólogos, cada pessoa demonstra amor de uma forma diferente, e, só porque alguém é da sua família, não quer dizer que essa pessoa saiba como é que você dá e recebe amor. Com exceção dos casos de abuso e maus tratos, podemos achar que nossa família não nos ama e nem nós a eles, mas é só um mal entendido.

Às vezes, tudo que eu queria era isso que eu acabei de contar: uma longa e boa conversa, sincera e carinhosa, com a minha mãe. Eu só queria atenção, e ela, uma trabalhadora ferrenha, só tinha tempo para conseguir o dinheiro super suado dela e, com sua boa comida caseira e diversos presentinhos, demonstrar esse amor que eu não compreendi até perder tudo isso. E, às vezes, algumas coisas malucas e maldosas que a nossa família faz com a gente não é exatamente culpa deles, é porque eles foram criados de uma maneira péssima e descontam seus traumas em nós. Cabe aos dois lados saber conversar sobre isso e se compreender.

Bom, é isso. Minha melhor amiga é a minha mãe. Viva o amor de mãe.

A-M-O-R, A-M-A-R, 4 Letras e 4 Letras

Caroline Kellen Lisboa da Silva

Amor. As quatro letras que perpassam boa parte das nossas relações, e que nem sempre dura né? E, se não dura, foi amor ou um sentimento simplório, com infinitas nuances em seu momento, que partiu?

O amor parte? Ou ele é como uma âncora em um mar tempestuoso para um barquinho aflito? Às vezes eu me pego pensando em como o amor que leio em alguns livros parece ser perfeito, sabe, o barquinho com certeza voltaria ao porto, por causa da âncora. Mas será que mesmo depois da minha prima se mudar para um apartamento no centro de São Paulo, longíssimo da minha casa, eu vou continuar amando-a? E não amando de só sentir, mas amando no sentido de me conectar com ela, nem que seja por uma conversa simples na qual me mostra umas compras (de sapatilhas pra ir pro trabalho). Se eu parar para refletir concluo que o amor é capaz de ficar em segundo plano, não mostrar toda sua beleza sempre, e continuar flamejante. Mas, amor tem que ter conexão, certo?

Pelo menos esse é um dos pilares que eu estabeleci na minha mente, e esse mesmo pilar por vezes é sacudido pela ausência e distância, a dupla que impacta e separa as letras a, m, o, r. Seres humanos mudam com constância e quando cultivamos amor por alguém, temos que conhecer esse alguém, não? Mas aquela duplinha é capaz de impedir a inclusão das mudanças de cada pessoa no amor que sentimos?

Como raios eu vou me conectar, conhecer e dizer que amo minha amiga se não conversamos, digo, uma conversa de verdade, além do “oi tudo bem” que já se estende há quatro anos? Eu nem lembro direito dos casos da vida dela que há anos atrás eu sabia bem. Agora mesmo no aniversário dela fico sem jeito de falar que a amo. A amo ou quem ela era há quatro anos atrás ?

Parece que o amor foi coberto pela poeira do tempo, envelheceu e enfraqueceu, mas para além disso, e aqueles casais que estão juntos há quarenta anos? É um tipo de amor que durou ou uma relação que resistiu por quatro décadas? Eu tenho 20 anos e isso, com certeza, explica as incertezas e a confusão não tão bem controladas.

Hoje eu sei quem amo e tem algumas pessoas que sei que sempre vou amar. Minha mãe, meu pai e minha irmã. Acho que não sei como “desamar” eles, mas e as amizades intensas que se foram ou esfriaram? E as paixões bobas (nunca achei que foram amores, mas cabe citar)? E os parentes que mal vejo? E as outras coisas que amo hoje? Vão durar ou meu coração vai “desamando-as” aos poucos até que no fim (o fim de algum amor da minha devota coleção) eu me pergunte se realmente as amei? Sei lá, acho que já desamei muito para pensar que todo amor tem que durar eternidade adentro.

Não quero acabar com *vibes* negativas porque acredito que há amores que transcendem tempo, inconstâncias e mudanças, principalmente, porque sei que o coração humano pode, amar, amar de verdade dando ênfase a cada uma das quatro letras.

Crônica de um Casamento

Isabella Aparecida Santos de Oliveira

Geralmente eu adoro festas de casamento. É uma ótima oportunidade para comer de graça, é claro, dançar axé e funk dos anos noventa, além de dar boas risadas dos discursos de padrinhos e madrinhas, um tanto alcoolizados. É um casamento, ora! Só que os noivos não veem tanta graça nessa demonstração de carinho. Sabe, não consigo entender o motivo. Mas é só isso. Não choro no começo, não choro no meio e nem no fim quando o casal de amantes apaixonados recita seus votos e promete amor e devoção eterna um para o outro.

Não me entenda mal, não é que eu não acredite em amor. Eu acredito. Adoro assistir a comédias românticas e ler histórias de amor arrebatadoras. É sempre tudo tão lindo e fácil. Quer dizer, quase sempre. Não acabou muito bem para Romeu e Julieta nem para o Peter Parker e a pobre da Gwen Stacy. Não superei até hoje.

Sobre o que eu estava pensando mesmo? Ah sim, acreditar no amor! Realmente isso não é pra mim. Mas, me desculpe, me distraí um pouco. A noiva vai jogar o buquê agora e parece que sou obrigada a participar desse ritual.

Será que as pessoas pensam que se conseguirem pegar esse monte de flores, provavelmente já meio murchas, vão mesmo tropeçar na próxima pedra e encontrar um amor?

Quem dera fosse tão fácil. Mas enfim, quem sou eu para julgar não é mesmo?

Chegou o momento, é agora. A multidão se aglomera ao pé da escada. O DJ abaixa o som. Sandálias de salto são tiradas. As tias param de perguntar pelas namoradinhas e namoradinhos dos sobrinhos. Começa a contagem.

Como se fosse o último ingresso para o show daquela sua cantora favorita, alguém agarra o buquê e vibra! Com certeza agora os planetas irão se alinhar. Eros vai acertar aquela bendita flecha e Santo Antônio finalmente vai poder sair da geladeira. É isso! Amor 100% garantido!

Bom, foi uma experiência interessante. Mas preciso ir. Estou cansada. Esses sapatos estão me matando. E ao que parece preciso tirar mais fotos com meus convidados.

O que? Eu disse que não acreditava no amor, não que nunca me casaria.

Será que as pessoas pensam que se conseguirem pegar esse monte de flores, provavelmente já meio murchas, vão mesmo tropeçar na próxima pedra e encontrar um amor?

Isabella Aparecida Santos de Oliveira

Trilha do Amor

Julia Castanha dos Santos

Esses dias eu fui fazer uma trilha com meu namorado.

Não, eu não sou fã de trilhas, nem do contato próximo com as plantas e os animais. É de longe minha última opção de lazer.

Mas, desde que eu comecei a namorar, há quase dois anos, meu namorado fala que quer me levar para conhecer o Pico do Jaraguá. Foram muitas insistências dele e desistências minhas, até finalmente irmos.

Era manhã de um sábado de outono e o céu estava nublado. Ele me buscou em casa e nos deslocamos até o Parque Estadual do Jaraguá. Foram 40 minutos dele dirigindo e eu guiando errado, já que minha preocupação maior era em escolher as músicas ao invés de olhar o GPS.

Finalmente chegamos, estacionamos o carro e fomos para a trilha. No site, marcava 1800km, pouco, mas já adianto que para mim foram muito mais.

Ao longo do caminho, enquanto eu tentava manter o fôlego, comecei a pensar em algumas coisas, e olhando para ele ao meu lado e para a trilha a minha frente, percebi o quanto o amor é semelhante a uma trilha.

Para começar, ambos são uma escolha, porque o amor não é apenas um sentimento como a paixão.

Da mesma forma que escolhemos fazer uma trilha, nós escolhemos amar todos os dias, apesar dos defeitos e imperfeições, nós escolhemos continuar.

E de forma semelhante, nesse processo existem obstáculos que precisamos enfrentar, sejam pedras, aranhas, macaquinhos querendo pegar sua comida, ou ciúmes, teimosia, medo e outras adversidades que você só descobre quando começa a caminhar. O caminho é longo, às vezes cansativo e difícil, e às vezes você quer desistir. Mas quando você tem um parceiro, fica mais fácil lidar com os problemas que aparecem porque vocês estão juntos.

E então, quando aparece uma cobra do nada no meio do percurso, o que foi o nosso caso, o medo e o desespero se transformam em risadas e piadas.

Depois de muito caminhar, nós chegamos ao topo. E aí, foi só sentar e apreciar aquela vista, admirar o trabalho de Deus e agradecer por aquele momento. Até o sol apareceu para deixar tudo mais especial.

Foi um momento de paz, harmonia e calmaria, em que a cumplicidade exalou o amor. E ali ficamos, o máximo de tempo possível, entre risadas e apreciações. Mas é hora de voltar e recomeçar a caminhada porque o amor tem que ser estável, mas não estático.

E juntos, recomeçamos a caminhada, dessa vez, mais leve que a primeira porque quanto mais você conhece algo, mais tranquilo fica o percurso.

E quando chegamos ao final dessa nova trilha, nós paramos, aproveitamos a vista e recomeçamos porque o amor é uma escalada, mas com uma vista ótima.

O Show

Larissa Leal Alves de Almeida

Lembro-me bem quando minha banda favorita anunciou seu show no Brasil. Isso mesmo, show, no singular. Acho que nem eles mesmo tinham noção da quantidade de fãs que esperavam ansiosamente para que sua turnê passasse pelo país, e eu era uma delas. E o melhor de tudo, o show seria no dia 25 de maio, um dia depois do meu aniversário. O presente perfeito para o meu eu de 16 anos.

Antes disso, eu os havia acompanhado de longe, pela internet, sempre dependendo de traduções, mas ainda sim, eu amava ser fã. Amava mesmo! Acompanhar os lançamentos, torcer nas premiações e chorar nos momentos difíceis. Gostar da banda até mesmo me rendeu algumas amizades.

Mas o que me encantava mesmo, com certeza, era a música. Cada letra, mesmo em outro idioma, me fazia perceber que, apesar da distância e todas as diferenças entre mim e eles, o amor pela música era nossa maior semelhança. Mas, assim como eu, outros milhares de fãs também dariam suor e sangue para conseguir o seu ingresso.

Com três celulares, um computador e a ajuda da família inteira, eu tentei, tentei muito conseguir meu espacinho naquela multidão, mas essa multidão era grande demais, mesmo para um estádio onde cabiam 45 mil pessoas. A esperança voltou quando, devido ao esgotamento extremamente rápido da primeira data, a banda anunciou um segundo show.

Eu iria conseguir, iria vê-los e… não, não consegui, de novo! Não consegui o ingresso mesmo com a abertura de uma segunda data. Minha tristeza era sim genuína. A banda que eu acompanhava há alguns anos finalmente voltava ao Brasil e eu não poderia estar mais longe de vê-los. Para quem via de fora, podia parecer um exagero, mas o amor de um fã pode superar expectativas.

É engraçado tentar explicar a sensação de conhecer alguém como a palma da sua mão e, ao mesmo tempo, saber que tudo o que você sabe sobre aquela pessoa é filtrado e que o que te resta é confiar que é real. Mas afinal, amar não é confiar? Sim, eu tinha plena consciência de que eu só conhecia uma pequena parte daqueles artistas, mas é assim com

qualquer pessoa que conhecemos, mesmo na vida real, e nós decidimos o que fazer com aquela partezinha que nos foi compartilhada, e eu decidi amar.

Mesmo que me fossem direcionados adjetivos como tiete, fanática, infantil – os mesmos que toda mulher recebe quando gosta muito de alguma coisa – meu amor e carinho era sim real. E no fim eu nunca os vi pessoalmente.

Hoje, com 20 anos, eu já não sou mais fã, mas sei que um pedacinho de mim foi construído sob a grande influência que eles tiveram na minha vida. Agora, meu coração pertence a uma outra banda, uma que combina mais com uma eu 4 anos mais velha e, nem eu posso prever até quando, mas tenho certeza de que o amor vai ser muito intenso enquanto durar. E quando não existir mais, vai dar espaço às lições e lembranças que aprendeu enquanto amava.

Do Meu Tempo que Fui Adotada

Rosiane Lopes da Silva

Pelagem branca, olhinho azul. De tão tranquila parecia um doce, chamaram de Mel. De tão graciosa, lembrava mais uma atriz de Hollywood, chamei de Marilyn.

Pelo que eu ouvi, a gatinha era decidida. Foi com a cara dos meus vizinhos, os primeiros em sua busca adotiva. Subiu no carro deles e não quis mais sair. Em um ato de pura sensatez, trouxeram ela para casa.

Acho que a adaptação não deu certo. Ou o carinho era modesto, ou a ração seca demais. Ela precisava mesmo é de uma humana meio birutinha, a ponto de gastar o que não tinha em sachê e nem ligar se tinha pelo na roupa preta.

Um dia, ela descobriu que dava para chegar na casa ao lado. Fez o tour pela residência. Parou no meu quarto. Chegou a uma conclusão: dormir em cima da minha barriga era mais fofinho e confortável do que na casinha antiga.

Sorte a minha: a humana adotada fui eu. Daí em diante, passei a acreditar que quem tem gato não precisa de terapia.

Acabei ganhando uma compagrude: companheira barra grude. Se eu ia ao banheiro, ela também ia. Se eu me sentava, ela se sentava. Se eu me deitava, ela se deitava. Se eu saía de casa, ela queria sair também. Eu não julgava. Vai ver, das cinco linguagens do amor, a dela era tempo de qualidade.

Gosto de pensar que o amor era tanto que chegava a ser tóxico, meio violento. Uma vez no meu colo, não queria mais sair. Se eu me mexia demais levava um arranhão e até patada na cara. Se a cota diária de abraços era excedida, ela mordia meu nariz e, de quebra, grudava no meu cabelo. Há quem diga que o amor dói e, nesse caso, doía, bem pouquinho, e só às vezes.

A ciência afirma: gatos amam seus donos tanto quanto os cães. E é verdade, eu mesma experienciei, seja quando ela corria para o meu lado sempre que me via, quando sentia a minha tristeza e me olhava sem parar como se quisesse me dizer alguma coisa ou de quando me deitava no meu colo e ronronava sem parar.

Hoje, a Marilyn me acompanha, não fisicamente, mas nas minhas memórias: todas memórias do tempo que fui adotada.

CINEXPERIÊNCIA

Em Casa ou no Cinema?

Bianca Aguiar Camatta

As luzes se apagam e bem, o filme começa. Nada de trailers ou avisos para desligar o celular. Eu posso até mesmo deixar a luz acesa, se eu quiser.

No sofá ou na cama de casa com um cobertor confortável, o filme passa na TV, no celular ou no notebook. Assistir a um filme em casa é confortável, flexível e barato. Eu posso assistir a um filme literalmente antes de dormir. Pegar no sono e poder continuar assim até a manhã seguinte. Tem sensação mais gostosa do que dormir ouvindo a voz do personagem daquele filme conforto?

Mas na semana passada teve uma estreia e é a adaptação de um dos meus livros favoritos. Eu até reli ele por causa disso. Não dava para esperar essa produção de qualidade duvidosa chegar em alguma plataforma. O desejo de me distrair e me deleitar com a história é maior.

Então a saga começa: entre trabalho e estudos, qual horário sobra para esse lazer? A única data possível é no final de semana. Logo compro os ingressos para garantir o melhor lugar.

Chegando no dia, preciso me arrumar. Troco a calça de moletom rasgada que adoro usar em casa por uma apresentável. A coberta que não saiu da minha mão desde que acordei, agora, é uma jaqueta jeans. E os meus pés descalços se veem sufocados dentro de um sapato.

Antes de entrar na sala de cinema, a experiência já começa. O shopping gela meu corpo. Meus olhos ficam perdidos na imensidão de lojas. A única que chama atenção é a livraria. Entro. Lá já tem sinais do filme. O livro com a capa dos atores estampa a primeira mesa da livraria. São vários. Eu paro. Folheio. Sinto aquele cheirinho de livro.

Finalmente o devolvo e vou direto para o cinema. A empolgação de quem está na fila do ingresso me deixa ainda mais ansiosa para o filme. Entro na fila da pipoca e depois na sala de cinema.

Já comi metade do quitute, ainda estamos nos trailers e eu já fiquei com vontade de assistir três filmes infantis e um drama. Não é que esse negócio funciona?

O filme começa. No escuro. Na tela enorme do cinema. Depois daquela vozinha anunciar para a gente desligar as notificações do celular.

Eu sorrio e dou risada. Eu me emociono e choro. Mas não sozinha. Não tem som mais fofo do que a risada da criança que está duas poltronas à frente. Nunca vi choro tão copioso quanto o da moça que está ao meu lado.

Tudo isso faz com que eu viva a experiência com mais intensidade. Percebendo graça em momentos que sozinha talvez passassem despercebidos. Chorando mais do que o de costume. E, acima de tudo, não me arrependo nem um pouco do tempo que gastei assistindo a um filme, que no final, nem era tão bom assim.

Sem contar na possibilidade de escutar os comentários das outras pessoas sobre a obra quando saio da sala de cinema. Até ando devagar para escutar melhor as opiniões.

No fim, o que vale o conforto e praticidade sem toda a emoção que o cinema proporciona e intensifica?

Windsor

Diogo Bachega Paiva

Sobre o pano branco da tela de uma sala do **Cine Windsor,** na Avenida Ipiranga, uma mulher geme alto, num impulso de orgasmo. Um homem, que a tem entre os braços, urra com igual empolgação. Há muito suor, muita pele e pouca discrição.

Na plateia, homens sem mulheres compartilham o tesão das telas com mais cautela, mas sem se privarem de eventuais toques. São os anos noventa e o **Cine Windsor** é todo gozo geral e clandestino. Especializado em pornografia heterossexual, a sala cultural atrai bichas mais e menos enrustidas.

O **Windsor** dos anos noventa é mais uma das salas decadentes que se especializaram na pornografia para tentar manter alguma clientela. Mas nem sempre foi assim. De pé desde mil novecentos e sessenta e um, o velho cinema surgiu como uma das salas mais luxuosas de São Paulo.

Recebia a audiência de até mil e duzentas pessoas com sua grande sala de mármore. Seu chão era coberto por tapeçarias vermelhas. O cinema foi inaugurado com o mexicano *"Eu, Pecador"*, cinebiografia do cantor e ator José Mojica. Em 1964, abrigou a pré-estreia de *"Deus e o Diabo na Terra do Sol"*, de Glauber Rocha.

Por anos a casa concentrou membros da elite e da classe média, sedentos por arte. E por mais anos, após uma primeira decadência, virou ponto de tesão. Mais do que perder sua importância, a renovou ao ser palco da história erótica e hipócrita da capital.

Eu tinha dez anos, cinco meses e um dia de vida quando o ***Windsor*** *fechou, em sete de dezembro de dois mil e doze.*

Faltavam seis anos, três meses e dezesseis dias para eu nascer quando homens que se diziam policiais invadiram o **Windsor**, em 18 de outubro de 1995. Intimidaram a audiência. Um dos homens se apresentou como delegado e disse algo como

— Isso aqui é uma vergonha! Um monte de pai de família se esfregando!

Anotou os nomes dos presentes, seus endereços, suas identidades. Depois passou um chapéu e pegou o que as vítimas tinham de dinheiro consigo. A ameaça de levá-los à delegacia ou, pior, expor seus nomes nos jornais, era a ameaça de destruir suas vidas, de derrubar suas fachadas tão bem construídas.

Fosse aquilo abuso de poder ou um golpe aplicado por malandros, explorava a angústia de quem era obrigado ao segredo. Fossem policiais ou bandidos, só puderam agir porque tinham a força de um país hipócrita tensionando o pulso que segurava o cassetete. Gozavam por empatar o gozo alheio e não sofreriam quaisquer consequências, porque denunciá-los, para cada uma daquelas bichas encurraladas, era denunciar a si próprio.

O que é a história do **Cine Windsor?** A ascensão e queda de uma luxuosa casa cultural? A de gays e bissexuais que queriam um canto escuro e seguro para ensaiar seu desejo? A história da velha cultura de São Paulo, que aos poucos é expurgada da renovada paisagem da cidade?

Ou talvez da própria São Paulo, amontoado de gozo, arte e morte, finalidade e fim eterno. A São Paulo de Trevisan e Piva, menos limpa e sem os laços vermelhos e o embrulho elegante de cidade mundial.

É maio de 2023 quando escrevo esta crônica. O **Cine Windsor** fechou há dez anos e dez meses. Metade da minha vida. O **Cine Windsor** foi invadido há quase 27 anos e sete meses. Onde estarei em seis anos, aos 27? Onde estará São Paulo em seus 465 anos?

Talvez muito longe, mas nunca há mais do que um passo de onde tudo começou.

A Batalha das Pipocas

Eduarda dos Reis Ventura

Você sabia que pipoca não pode ficar no pote? Não sabia? É… Nós temos que comer rápido, porque, se não, ela estoura uma segunda vez. E, se for na sua mão, vai te machucar igual as bombas dos filmes, sabe? Vamos comer essas que sobraram aqui rapidinho, então!

Eu tinha 5 anos quando aprendi que o cinema era uma zona de guerra. Para onde olhava, as pessoas miravam em mim, em meus pais e amigos. Com as mãos cheias de munição, oleosas, elas se preparavam para o ataque. As fileiras se comportavam como trincheiras, mas bombas traseiras eram sempre imprevisíveis. Por isso, sempre subi as escadas agarrada aos meus companheiros de luta; isto é, qualquer um que caminhasse dois passos à minha frente e pudesse ser meu escudo humano.

Até que me vi sozinha em campo. Aos 10 anos, eu e minha prima convencemos nossas mães de que, mesmo com os perigos oferecidos, valeria a pena nos deixarem ir assistir ao último lançamento infantil sem supervisão. Por milagre, insistência ou estado de sítio, elas nos permitiram. Mas eu não contava com as armas do inimigo.

Minha prima cometeu o primeiro erro de qualquer equipe bélica: abandonou sua companheira para comprar um refrigerante. Assim, enquanto as propagandas tentavam me distrair, caminhei até a penúltima fileira. Eu tinha passos ágeis, mas certeiros, e procurei não pisar em nenhuma pipoca terrestre. Os óculos 4D eram, sim, um obstáculo, mas superar adversidades fazia parte da nossa missão. Eu precisava a todo tempo me lembrar: eu lutava pela minha vida.

Quando consegui me sentar em meu lugar, a cadeira K47, o suor escorria por debaixo de meu colete. Naquele dia, tinha optado pela proteção extra de um suéter, apesar de saber que, num contato direto com as pipocas explosivas, ele seria de pouca utilidade.

Olhei ao redor. A sessão estava vazia e eu, com um saco pequeno de munição em meu colo. Se me atacassem, sabia que não conseguiria ordenar um contra-ataque significativo com aquela idade, já sabia que precisava de óculos, mas não admitia a miopia.

Aconteceu naquele momento. A sala começou a escurecer. Ouvi o som de pessoas se sentando na única fileira atrás de mim. Eram cinco, talvez familiares. A partir daí, tudo aconteceu em câmera lenta. O mais velho, que eu achei ser o pai, se espremeu no espaço entre os assentos e a minha fileira. Olhei ao redor: eu não teria reforços, nem sinal da minha prima. Uma jovem que o acompanhava se sentou na cadeira bem atrás de mim. Tenho que admitir, um movimento muito bem planejado pelos inimigos. O filme começou, mas não permiti me distrair.

De forma que passaria por casual por pessoas menos treinadas, o homem se desequilibrou. Os dois sacos que ele carregava cheios de milhos — só uma única vez estourados — tombaram. Ele tentou recuperar seu caminho. Mas era tarde demais. As bombas já estavam caindo. Olhei para cima e confirmei o que já sabia. Elas viriam exatamente em minha direção. Todas de uma vez. No meu colo.

Memória de Infância

Gabriel Gama Teixeira

P. Sherman 42, Wallaby Way, Sydney.

Isso te lembra alguma coisa?

Sabe aquele filme que marcou a sua vida e você nunca mais esqueceu? E quando você assistiu a esse filme tantas vezes que decorou várias falas dos personagens? Pois bem, ele sabe de cor as falas de um filme que viu quando ainda era um bebê.

Na verdade, ele sempre teve uma relação muito próxima com os filmes de animação. É tradição na sua família ir ao cinema assistir todos os filmes de animação que são lançados. Todo mundo gosta de fazer esse programa.

Mas a história dele envolve um filme específico.

O personagem principal é um jovem peixe-palhaço que desafia o pai e se perde após ser capturado por humanos. O filme está completando vinte anos em dois mil e vinte e três, que também é a idade do nosso protagonista. Além disso, o filme é um dos maiores sucessos da Disney.

Já sabe de qual filme eu tô falando? Isso mesmo, de *"Procurando Nemo"*.

A película é a nona maior bilheteria de animação na história. E também é o segundo filme mais velho no top dez de maiores bilheterias de animação, só perde para *"O Rei Leão"*.

"Procurando Nemo" foi lançado em julho de dois mil e três, ou seja, três meses depois que o nosso garotinho nasceu.

Quando ele tinha uns nove, dez meses de vida, um bebê ainda, seus pais compraram uma fita cassete com o filme do Nemo. Naquela época, ainda não existia DVD, então era uma fita cassete que eles colocavam na TV de tubo para o pequeno assistir. Por incrível que pareça, ele ainda tem essa fita, é uma caixa bonita, com uma cor azul vibrante.

E ele ficou simplesmente alucinado por aquele peixinho. Seus pais contam que o menino só conseguia dormir à noite depois de ver o filme pelo menos uma vez, porque às vezes ele via mais de uma vez na sequência.

Sem contar que não deixava os pais tirarem o filme enquanto não acabasse os créditos, ele queria ver até o último segundo do filme.

O mais interessante é que ele tem memórias dessa época. Se lembra de estar deitado na cama dos pais à noite e ver o filme do Nemo até a cena dos créditos e depois ouvir que era hora de dormir.

O carinho que sente pelo filme é grande, já que ele fez parte dos seus primeiros meses e anos de vida. A sua festinha de aniversário de um ano foi com o tema do Nemo, cheia de balões decorados. E olha só, além de tudo os pais dele são dentistas, quem já viu o filme sabe que o Nemo vai parar no consultório de um dentista.

Duas décadas depois, ainda sabe vários diálogos de cor, decorou várias cenas. A frase que abriu essa crônica, por exemplo, é o endereço que guia a busca pelo Nemo no filme. Ele ainda tinha essa frase gravada na cabeça, mesmo depois de muito tempo sem ver a história.

Alguns anos depois pode ver o filme do Nemo no cinema, quando ainda era criança. E na adolescência assistiu à continuação, "*Procurando Dory*", também no cinema.

Ele não tem dúvidas de que o filme traz uma sensação prazerosa, remete a um tempo gostoso da infância. Para ele, é mágico pensar isso, um filme que foi lançado há vinte anos, mas que até hoje é muito especial.

E hoje ele está aqui para contar essa história.

O cinema tem esse poder de criar memórias na infância, mesmo que não seja no espaço físico do cinema. E isso é muito bonito de ver, faz a gente se sentir menos como um peixe fora d'água.

O Cinema na Minha Cidade

Julia de Moraes Custódio

Na minha bolsa de alça marrom há uma nota de dez e outra nota de vinte, um RG, uma presilha de cabelo e um *gloss* labial. Apenas o necessário.

Também, estou vestindo as minhas melhores roupas: uma camiseta listrada, uma calça jeans escura e um tênis colorido da moda.

Estou bem arrumada porque hoje o dia está reservado para ir ao cinema com os meus amigos, um dos maiores planos que adolescentes podem fazer aos treze anos de idade em uma cidade pequena.

Lá, na cidade, não há parques, muito menos museus ou matinês. Há apenas um shopping, que tem um cinema que vende ingresso por dez reais. Esse é o *point* de todos os adolescentes da região.

Durante anos e anos, alguns dos meus sábados foram repletos pelas alegrias do cinema baratinho do centro da cidade. Marcados pelas histórias que os filmes me contavam e por aquelas histórias que eu criava junto com os meus amigos.

Éramos cinco. Sempre os mesmos cinco amigos. Na mesma época dos rolezinhos, aqueles grupos enormes de adolescentes que iam andar pelos shoppings de São Paulo. Minha mãe, preocupada com as minhas companhias, sempre perguntava “Quem vai com você?”, e meu pai, mesmo sabendo que éramos o grupo mais tranquilo de amigos, sempre alertava "Juízo, hein?!”

A verdade é que com a gente não havia perigo. A programação era sempre a mesma: comprar o ingresso para alguma sessão das duas da tarde, no máximo às quatro; ir ao mercadinho comprar doces e refrigerantes, mesmo que o cheiro de pipoca fosse tentador; assistir com atenção os filmes; e, por último, jogar conversa fora na praça de alimentação, sem comer nada.

O dia mais especial aconteceu quando os pais de todos concordaram que já éramos crescidos o suficiente para ir passear na cidade vizinha. E fomos... No cinema do shopping da cidade vizinha.

Alguém comprou sorvete e alguém pegou pipoca. Durante a sessão, rimos alto do filme, sem medo de sermos silenciados.

A felicidade de estar ali, embriagava. De saber que depois do escuro confortável da sala de cinema ainda iriam acontecer momentos mais felizes ainda. A gente se perdia no mundo das fantasias cinematográficas para poder se encontrar um com os outros.

Na gavetinha de memórias, ainda estão os ingressos de muitos dos filmes, protegidos pelas lembranças eternas da sala de cinema de uma cidade pequena, mas grande de experiência.

A Magia de Volta

Rebeca Fonseca de Ávila

Vinte e oito meses depois da Organização Mundial da Saúde decretar a emergência global de Covid-19 eu criei coragem para ir até o cinema de novo. Era dia 26 de julho de 2022. Dois amigos me convidaram para ir até o cinema Petra Belas Artes e eu aceitei.

Lá para o meio de 2022 eu já tinha tomado duas doses de vacina contra a Covid. Mas mesmo enquanto o distanciamento social era relaxado, eu sentia medo das atividades presenciais.

Durante o isolamento, eu me contentei com as minúsculas telas dos meus aparelhos eletrônicos. Só que aquela sala escura, com uma tela gigante, caixas de som nas paredes, poltronas nem sempre confortáveis e pessoas estranhas sempre foi um lugar mágico para mim. As risadas, os suspiros, os gritos dos estranhos ao meu lado transformam a experiência em algo único. E naquele dia eu lembro bem de como senti isso.

Enquanto comprávamos os ingressos, eu era absorvida por aquela atmosfera. Tudo era novo de novo. O dia já seria inesquecível por si só. Mas o filme que a gente escolheu tornou ele ainda mais marcante. Fomos assistir *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo.* Hoje, é fácil falar desse filme. Mas quando eu fui assistir, eu não sabia o que me esperava.

A gente foi na sessão das cinco da tarde e a sala estava um pouco cheia. Enquanto achávamos nossos lugares, eu pensava em como ir ao cinema tinha se tornado estranho para mim. Eu sempre gostei de ver os trailers antes dos filmes, mas em casa esqueci que eles existiam. E já nesse momento, percebi como as novas regras de convivência estavam marcadas a ferro no meu cérebro. Em alguns momentos dos trailers, eu instintivamente me questionei porque os personagens não estavam de máscara ou até mesmo porque estavam se abraçando.

Mas durante os 139 minutos de *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo,* o mundo externo desapareceu completamente. Só depois eu parei para pensar em como o filme retratava o que eu senti na pandemia. Todos os questionamentos existencialistas e a

avalanche de informações caóticas. Os laços emocionais fraturados e a frustração com a realidade. Uma experiência opressiva e catártica ao mesmo tempo.

Essa primeira ida ao cinema me fez pensar em tudo que eu perdi na pandemia. Algumas coisas pareciam fúteis demais para serem contabilizadas, mas eu também tinha perdido elas. A capacidade imersiva de uma sala de cinema e a possibilidade de dividir esses momentos com outras pessoas eram algumas delas.

No fim das contas, eu descobri que não gostava tanto de streaming quanto aqueles meses confinada me fizeram pensar que eu gostava.

MEMÓRIA

Eu Sou do Mundo

Karolina Nascimento de Sá Monte Oliveira

O ano era 2005 e ela estava na terceira série de uma escola na cidade de São Paulo. Já eu estava nascendo para o mundo lá de Salvador. Mas percorri todo esse caminho para encontrá-la através de um desses canais abertos de música da época. Ela era da pressa acatada e eu da calmaria revoltada.

Lembro a primeira vez que adentrei seus ouvidos ainda novos, crus do rock ‘n’ roll nacional em efervescência na época. Achou o máximo meu corpo musical potente e grosso, cheio de personalidade.

Admirou minha criadora Pitty, ainda nos seus 20 e tantos anos, gritando para o mundo qualé que era a da arte de ser mulher. Queria ser e fazer igual, ainda que tivesse apenas nove anos.

Queria entender o que eu falava durante aqueles três minutos e trinta e cinco segundos de declamação sobre o lembrar do que já foi. Decidiu, então, coletar suas próprias memórias e associá-las a mim.

Fez questão de viver e tentar entender a vida a partir de mim. Matou os primeiros heróis de sua breve vida. Começou pelo pai, em seguida a avó, até chegar na mãe.

Até seus 20 anos, ela teve coragem de querer se encontrar nas esquinas do viver, num fingir não precisar de um lugar só dela. Um ímpeto vital a guiava.

“!!Sou do mundo!!” ela declamava. Queria ela viver na felicidade da liberdade. Era jovem ainda. Era atraída pelas promessas.

Toda lembrança que guardava era concreta para ela. Recordava tudo, se perdia por aí. Só para exercer na prática o que eu havia apresentado à ela: as memórias.

Mas tanto quis viver, que viveu além. As memórias amargaram e o desconhecido a atingiu. De suas lembranças, hoje sente o fogo fátuo.

Desde que adentrei sua cabeça, sinto o calor das memórias se tornando uma frieza de fantasmas passados. Não sopram nos ouvidos, mas sim nos pensamentos, coisas que ela não sabe se lembra.

O Anacrônico de suas memórias fizeram ela mesma tornar-se outra música. No apagar das lembranças, começou a ficar confusa com a certeza das reminiscências. Virou Déjà Vu de si mesma.

Hoje, quase vinte anos depois, escrevo essas palavras sem saber se o lembrar de Memórias, de Pitty, que ouviu num dia qualquer de 2005 realmente aconteceu.

Por isso, guardou-se em sua estante, resignada a ser de lata, buscando o próprio coração que lembra já ter tido. O apático e o sentimental a corroem. Mas ainda sente que está viva.

Molha o corpo na chuva sem saber se um dia lembrará deste momento como foi. Tudo bem. Ainda não há razão que a governe.

Quase um Descuido

Laura dos Santos Guedes

Dia cinco de maio de dois mil e vinte três. É uma sexta-feira, anoto as tarefas do último dia útil da semana na minha agenda quando meu olhar se desvia para a luz do celular. Era um alerta de notificação, vejo que é de um veículo de comunicação e paro para ler a notícia. “A Organização Mundial da Saúde declara o fim da emergência global de Covid”. Aquelas palavras misturadas em uma frase me atingem em cheio, como se fosse milhões de chaves e senhas desbloqueando memórias cultivadas por três anos. Lembro de quando os primeiros casos da doença apareceram na China. Do outro lado do mundo. Não vai chegar aqui não, diziam. E eu acreditei, nós acreditamos. Por desconhecimento ou por muita vontade de acreditar. Mas os casos foram chegando e ficando cada vez mais perto. Na brincadeira de criança de achar um brinquedo escondido, onde fica mais quente quando o competidor se aproxima do esconderijo, o vírus já havia abandonado o frio há muito tempo.

Onze de março de dois mil e vinte. A Organização Mundial da Saúde declara pandemia do coronavírus. Me recordo do medo. Medo de não saber nem do que ter medo. Medo de perder as pessoas que eu amava e a sensação de não poder fazer nada para protegê-las.

Um segundo de descuido seria o suficiente. Fecha a porta, estoca álcool, compra máscara - não dessa, da outra, a mais forte, coloca logo duas. Ir até a esquina ficou tão perigoso quanto apostar corrida em um campo minado. Lembro das noites que chorei, da falta de esperança, de não conseguir imaginar um mundo como o de antes. Comecei toda minha vida adulta trancada no meu quarto: passei no vestibular, tive meu ano de caloura na faculdade e consegui o primeiro emprego sem dar um passo para fora de casa. A gente ia equilibrando as pequenas alegrias e o resto de sanidade com as imagens das covas dos quatro mil mortos por dia. Minha memória também guardou outro sentimento desse período: a raiva. A raiva, a revolta, a incredulidade de ligar a televisão e escutar falas cruéis de autoridades, menosprezando as mortes, as perdas e todos os esforços dos corajosos cientistas e profissionais da saúde que lutavam contra um inimigo invisível. Um caixão lacrado não é o destino de todo mundo quando existe um líquido capaz de prevenir

uma contaminação. Existir, existia. Mas não tinha. Lembro do alívio quando, enfim, a primeira pessoa foi vacinada no Brasil. A próxima seria minha avó, idosa e cheia de comorbidades. Mas não deu tempo, por uma semana. Ela partiu junto com outras milhares de pessoas em abril de dois mil e vinte um. Sem despedida, sem chance de cair a ficha. Só memórias. Do bolo de chocolate com pedacinhos, da batata que ninguém sabia fazer igual, dos domingos e de todos os anos novos.

Acabou a pandemia. Suspiro de alívio, de dor, quase sem acreditar que o dia que ilustrou os sonhos de bilhões de seres humanos por anos enfim chegou. Mas nenhuma felicidade pode ser plena porque não esqueceremos os que não estão aqui para sentir o alívio.

Meu Avô

Lorraine Moreira

Mais um dia vou tomar um cafezinho na casa do meu avô. Esse ritual se repete há quase dez anos, quando ele voltou do Japão. Eu, que nem gosto de café, faço questão de ir até lá para roubar do tempo o que o tempo me roubou.

Vivi dez anos sem meu avô. Dez anos com meu avô. Parece justo porque são valores iguais. Mas só de pensar que poderia ter tido mais, um pouco mais… me descontento com a vida.

Na tentativa de me satisfazer com a realidade que me foi entregue, busco na memória tudo o que já vivi com ele. Viajo tão longe no passado que faço uma mistura entre lembranças reais com criações fantasiosas minhas. Fico triste por não lembrar de tudo.

Sim, eu sei, lembrar de tudo é sofrimento, e esquecer é uma graça divina. Afinal, a gente só lembra o essencial porque podemos esquecer o que já não é essencial. Até agradeço à Deus, à sinapse, aos neurônios, sei lá. Mas também sei que esquecer do essencial é uma tragédia. Uma tragédia que meu avô vive.

Não esperava que ele lembrasse de todos os detalhes dos últimos dez anos. Mas não queria que ele esquecesse meu nome, quem eu sou. Respirando fundo, 1-2-3. Meu avô tem Alzheimer. Uma doença em que as conexões das células cerebrais se degeneram e morrem, eventualmente destruindo a memória e outras funções mentais importantes.

Meu avô perdeu de vista as lembranças que constroem quem ele é. Ele, sem saber o que é, só me permite amar o que eu me lembro do que ele já foi um dia. Mas as coisas são como são, não dá para tentar mudar algo concreto, que está ali na minha frente.

Toco a campainha. Espero que ele se lembre.

Por que Ainda Lembro de Você?

Maria Carolina Milare Albuquerque

Estamos nós dois atravessando a ponte, o dia está claro, tranquilo. De repente a gente olha para o lado, um vulto. Do nada o céu está muito escuro, pessoas correndo e gritando. Aquilo é um disco voador?

Pera, o que rolou? Parece que tinha alguma coisa a ver com alienígenas, não lembro direito. O tempo do despertador tocar foi o suficiente para me fazer esquecer o que eu estava sonhando. A memória é uma coisa estranha. Tem vezes que eu preciso guardar um número de telefone por poucos segundos, só para fazer uma ligação rápida e preciso pedir para alguém perto de mim guardar metade dos números só para conseguir digitar tudo. Por outro lado, um dia desses fui na farmácia e a atendente me perguntou se o meu CPF era cadastrado na loja e eu disse que sim. Bom, na verdade, era o da minha mãe, mas enfim. De tantas vezes que eu já a ouvi falar aqueles números eu consegui repetir o documento dela com a maior facilidade e recebi os descontos que eu tinha direito. Como eu consegui lembrar isso? Porque às vezes eu saio para algum lugar com meus amigos, me apresentam alguma pessoa nova e depois de meia hora eu já não lembro mais o nome? Qual o sentido nisso?

Curiosa, fui pesquisar um pouco porque existem coisas tão fáceis que nossa cabeça não guarda por cinco minutos e outras muito mais complexas, aparentemente, que levamos conosco para o resto da vida. E não é tão simples assim, até o momento nem a ciência consegue explicar realmente como nossa memória funciona. Mas uma das teorias científicas mais aceitas, diz que nossa capacidade de armazenar informações vêm dos neurônios, a forma que eles estão organizados e como eles se ligam uns aos outros.

Os neurônios possuem ramificações que os permitem se comunicar com outros neurônios. No ponto de encontro dessas ramificações é transmitido o impulso nervoso. Isso se chama sinapse. A sinapse ocorre sempre que absorvemos algum estímulo externo por meio dos nossos sentidos. Quanto mais sinapses, mais informações entram na nossa cabeça. Depois que elas são produzidas podemos classificá-las em três categorias.

Primeiro: as memórias de trabalho. Essas memórias duram pouquíssimo tempo, só até a execução de uma tarefa, como por exemplo, discar o número de alguém. As

sinapses envolvidas na criação dessas informações não deixam rastro bioquímicos ou estruturais, são coisas mais momentâneas e desaparecem em questão de minutos ou até segundos.

Depois, existem as memórias de curto prazo. Essas memórias podem ficar guardadas por algumas horas, ou até dias. As conexões entre os neurônios nesse caso deixam alguns registros físicos, que permanecem pelo tempo que essas informações são necessárias. Mas caso elas não sejam usadas, elas vão desaparecendo e somem do nosso cérebro.

Por último, temos as memórias de longa duração, que inicialmente eram memórias de curta duração, mas que por algum motivo, receberam processos neuroquímicos mais intensos, que fortaleceram as conexões entre os neurônios de uma forma que eles deixam rastro, digamos, na nossa cabeça por mais tempo. E o que leva isso a ocorrer é desconhecido. Pode ser um episódio de trauma, a emoção que foi gerada no momento, a atenção que você deu para aquilo, seu nível de alerta, ou apenas alguma informação que você precisou repeti-la tantas vezes que fez seu cérebro entender que aquilo era importante ser guardado.

É confuso, eu sei. E a memória humana tem muitos mistérios ainda. Mas sabendo um pouco sobre tudo isso, eu fico refletindo algumas coisas. Sabe aquele momento que você está andando na rua, se distraindo em alguma livraria ou cafeteria e você senta um perfume que na hora te lembra exatamente uma pessoa que você conheceu? É bizarro, parece que aquele cheiro veio do nada. E eu fico me perguntando que emoção será que fez meu cérebro achar que o cheiro dessa pessoa deveria ser lembrado por tanto tempo? Amor ou repulsa?

Meu Tio é Bom?

Matheus Marques Nistal

Alguns professores dizem que todo momento é histórico. Todas as decisões e posicionamentos que você toma são importantes no grande fluxo da história. Que a memória que você tem do dia que foi na padaria comprar pão é tão relevante quanto um heroico dia de batalha em uma guerra. Não é a intenção desta crônica negar a história ou relevância de ninguém. Mas algumas coisas podem ser ditas.

De nada adianta desempenhar ótimos momentos cotidianos e no momento decisivo, na encruzilhada da história, ir para o lado errado. Passar pela hipocrisia de ser um bom pai, irmã, amiga. Uma ótima namorada, doar cesta básica no Natal, respeitar o assento do idoso e tomar posições políticas que vão radicalmente contra isso tudo. Meu tio pode ser ótimo para mim e péssimo para a humanidade.

Nesse caso, como eu vou lembrar dele? Como o senhor gentil que sempre me apoiou e demonstrou carinho? Ou o personagem cheio de ódio que achava que bandido bom é bandido morto? Já parou para pensar por tudo que nós temos passado nestes últimos tempos? Tenho certeza de que sim, mas mesmo assim vou repetir.

Uma guerra com interesses diretos das duas maiores potências nucleares do mundo. Uma pandemia que matou centenas de milhares de brasileiros e brasileiras. O governo que não nos deixava respirar com tanto desprezo que sentia pelo próprio povo. Ministro do meio ambiente madeireiro. Ministro da saúde curandeiro. Ministro da justiça juiz ladrão. Ministro da economia tão genocida quanto sua equipe. Desestabilidades políticas diária. Carestia com armas liberadas. E se você for pensar bem, mesmo antes disso.

Golpe de Estado, crises econômicas, éticas, planos monetários mal resolvidos, inflação. Ditadura militar, tortura e censura. Tudo isso passou pelas nossas histórias, das nossas famílias.

Quais são as memórias que guardamos desses tsunamis históricos? Quão desastrosos podem ser nossos posicionamentos? Como entender as ações políticas de pessoas normais em contextos sociais extremos? Como essas coisas se relacionam? A história faz o personagem ou o personagem faz a história? Ou os dois? Meu tio é assim pela sociedade em que vivemos, ou a sociedade em que vivemos é assim por causa do meu tio?

Nesse caso, como eu vou lembrar dele? Como o senhor gentil que sempre me apoiou e demonstrou carinho? Ou o personagem cheio de ódio que achava que bandido bom é bandido morto?

Matheus Marques Nistal

Zé Carioca

Renato Brocchi

Quem canta é o aracuã, uma ave galiforme, de penugem em tons terrosos e cinzas, comum na América do Sul e Central. Ou melhor: esse aracuã que canta é rosa com penugens vermelhas, corre desenfreado por galhos de uma floresta equatorial, e veste uma camisa branca com listra azul. Isso é, na verdade, o áudio de uma das memórias mais indeléveis da minha infância. Em 1942, os estúdios Walt Disney lançam *Saludos Amigos*. O filme contava algumas desventuras de Pato Donald e Pateta pela América Latina. Foi a estreia de Zé Carioca.

Dois anos depois, saía nos cinemas *Los Tres Caballeros*, ou, aqui no Brasil, *Você já Foi à Bahia?*. Donald e Zé Carioca se juntavam à ave hispano-falante Panchito em mais aventuras latino-americanas. Foi aí que encontraram o aracuã.

Os filmes, na verdade, faziam parte da "Política de Boa Aliança" que os Estados Unidos implementaram. A ideia era assegurar o apoio da América Latina durante a Segunda Guerra. A Disney participava desses esforços na área cultural.

Algum VHS de *"Você já Foi à Bahia?"* sobrevivia nas prateleiras recônditas de uma videolocadora de Campinas no início dos anos 2000. Logo, criei uma fixação pela película; estava longe de saber que era um esforço de propaganda americana de 60 anos no passado.

Um dos principais atrativos do filme era a mistura de animação com atores reais. A gente podia ver o Donald e o Zé Carioca dançando ao som de Ary Barroso com uma espécie de Carmen Miranda. Que era, de fato, uma Miranda, só não era Carmen. Diferente de sua irmã mais famosa, Aurora Miranda teve um nascimento cisatlântico, em 1915, na cidade do Rio de Janeiro. Era uma carioca filha de portugueses fazendo papel de baiana; o que, evidentemente, pouco importava aos gringos da Disneylândia.

Aurora abandonou os palcos ao se casar, com apenas 25 anos de idade. Morreu às 3 da tarde, três dias antes do Natal de 2005 no Leblon —mais ou menos a mesma época em que eu assistia ao filme repetidas vezes.

Foi assim que se formou uma das memórias mais importantes da minha infância. Foi assim que conheci Aurora antes de Carmen; uma Aurora dançando com pato Donald e reco-recos humanizados porque Hitler invadiu a Polônia no primeiro dia de setembro de 1939.

Aurora abandonou os palcos ao se casar, com apenas 25 anos de idade. Morreu às 3 da tarde, três dias antes do Natal de 2005 no Leblon —mais ou menos a mesma época em que eu assistia ao filme repetidas vezes.

Renato Brocchi

MÚSICA E AFETOS

Música que Toca

Amanda Marangoni Fraga

Já ouvi dizer que é fácil se lembrar da primeira vez em que algo te tocou. Naquelas tardes ensolaradas de fim de semana, eu sempre acordava com uma música que vinha da sala. Eu acordava tarde nesses fins de semana, quando era criança. Meio-dia, no mínimo.

Por algum motivo ainda desconhecido por mim, minha mãe e minha avó criaram esse acordo tácito, que desapareceu com o passar dos anos. Elas perambulavam em silêncio entre a sala de estar e a cozinha, enquanto escutavam a música que alguma delas escolheu. Minha avó normalmente colocava seus CDs velhos, com músicas densas em instrumental, e talvez melancólicas demais. Apesar de terem me feito chorar escondida pelos cantos da casa naquela época, eu só entenderia o porquê com o passar dos anos.

Mas, se eu tivesse sorte seria um dos dias em que, daquele velho mini-rádio, viria o som das guitarras acompanhado de uma voz rouca. Então eu saberia que era uma das tardes em que minha mãe decidiu ouvir a mesma música da Janis Joplin, várias e várias vezes.

A música era *"Piece of My Heart"*. De tudo que elas escutavam, aquela era a única música que eu conseguia sentir em cada parte de mim. De todas as coisas, a mais clara era que, quando o refrão tão explosivo tocava, eu e minha mãe éramos tomadas pela mesma sensação – nós estávamos, de verdade, no mesmo lugar.

O tempo passou, e eu não tenho uma boa memória sobre quando essas tardes se esgotaram. Eu só sei que, por um bom tempo, aquelas notas não chegaram nem perto de serem ouvidas por mim. Hoje, deitada na cama, eu as ouvi de novo. Virou um costume. Eu tracei novamente meu caminho, desgastado pelo tempo, de volta à Janis Joplin no fim dos anos 60. Dessa vez, era uma música diferente. Ainda assim, a voz era a mesma, e ela carregava consigo as lentes cor de sépia pelas quais eu via toda a minha infância.

Um dia fui visitar minha família. Algumas semanas antes, eu havia gastado muito mais dinheiro do que devia num disco de vinil. *"Piece of My Heart"* era parte dele. Quando mostrei pra minha mãe o sacrifício irresponsável em nome do sentimento que eu havia feito, ao gastar trezentos reais num disco, ela não sentiu a mesma animação. Concluí que talvez a música precisasse estar tocando, de fato, para que ela entendesse.

Maria

Carolina Borin Garcia

No dia que Rita Lee se foi, lembrei de você. Na minha cabeça vocês tinham muitas semelhanças. Mulheres potentes, munidas de histórias e companhias para uma vida toda. E fiz questão de ouvir “Maria, Maria”.

Fazia algum tempo que eu não ouvia essa música. Mais especificamente, desde o ano novo. Sempre no ano novo, não é? Em 2020, você fez questão de subir três lances de escada só para ver os fogos comigo na virada do ano. Mesmo que estivesse cansada, você estava lá.

Na voz de Milton Nascimento, o nome Maria ganha ainda mais poesia, o seu nome. Maria Rosa, um nome composto de um sujeito que transpassou esse plano mas ainda carrega consigo muitas histórias.

“Uma força que nos alerta / Uma mulher que merece viver e amar / Como outra qualquer do planeta”. Maria, Rosinha ou para mim, vovó: você era e ainda é tudo isso. Espero que nós, que ficamos, estejamos te dando orgulho e levando os ensinamentos que você nos passou.

Minha vó foi uma mulher de muitos contos e causos. Que gostava de costurar roupas e afetos. Você fazia questão de arrumar o meu colar de miçangas, encaixando peça por peça mesmo que o fio já estivesse gasto, antes de todas as provas que fiz só porque eu tinha uma superstição de que usar aquilo me daria boa sorte.

Quando terminei de ouvir a música, ficou só a saudade e as memórias do que vivemos juntas. Mas como diria Milton, ”é preciso ter força, é preciso ter raça / É preciso ter gana sempre”. Então sigo, entre versos que me lembram você. E entre palavras, que faço uso para manter a promessa que fiz, de te escrever, sempre que puder.

De alguma forma, essa marca de Maria permanece aqui, em todos aqueles que puderam ter prazer da sua companhia, da sua amizade e do seu afeto. Por essa estranha mania de ter fé na vida.

Para Sempre me Lembrarei Dessa Noite

Emilly Gondim da Silva

Eu estava sozinha indo para a primeira festa da faculdade. Há três dias eu tinha feito minha festa de despedida para finalmente morar em outro estado, de Goiás para São Paulo.

Eu amo meus amigos, lógico, mas quando escolhi a playlist da Taylor Swift, disseram "óbvio que você colocaria ela para tocar hoje". Nenhum deles cantou "*Don't Blame Me*" ou dançou "*Shake It Off*" comigo.

Na festa, o funk e a escuridão da noite tomavam conta do lugar, um espaço aberto cheio de árvores e que eu não conhecia ninguém muito bem.

Entre dançar e beber, o cansaço começou a bater.

De repente, fez silêncio. E as primeiras notas do violão tocam. Olhei para o lado e uma menina também estava com a mesma cara de choque que eu. Era "*All Too Well*" de dez minutos.

Simplesmente comecei a gritar a letra junto com ela mesmo sem conhecê-la.

Olhei para o lado e o efeito de histeria não era só em nós.

Depois dessa música a festa acabou. O caminho de dez minutos a pé até em casa parecia mais longo, ao estar sozinha e cansada.

Simplesmente tinha acabado de cantar uma música que eu amo com uma menina que tinha acabado de conhecer. Nunca tinha conhecido ninguém que gostasse das mesmas músicas que eu, não que eu fosse diferentona, mas não era o que o meu grupo de amigos curtia.

Agora… aparentemente conheci uma festa inteira e uma que com certeza será uma amiga próxima. E eu sei, eu vou me lembrar de tudo muito bem.

Entre Notas e Baldeações

José Vieira dos Santos Júnior

Desde a minha infância, me acostumei a aproveitar momentos sozinho. O mais novo de quatro netos, meus primos não estavam interessados em dispensar rolês pelo shopping para assistir aos DVDs da Xuxa comigo.

Com a minha adolescência, passei a valorizar ainda mais minha privacidade. O lado positivo de cultivar a própria companhia é criar um grande senso de autoconsciência. O problema é que a autoconsciência exagerada cansa.

A música se tornou uma válvula de escape para mim. Ao ganhar meu primeiro celular, o fone de ouvido logo se tornou um acessório fundamental do meu dia a dia. Ele me acompanhava no ambiente estudantil, em viagens e até durante o sono.

Hoje, aos 19 anos, os impactos de morar em uma região periférica de São Paulo se mostram cada vez mais presentes. Todos os dias, acordo às cinco e quarenta da manhã e me arrumo para ir à faculdade. O trajeto total é de uma hora e trinta minutos. À uma da tarde, entro em meu trabalho. A locomoção dura mais uma hora. Diariamente, são gastas cinco horas no transporte público.

Para enganar o meu próprio desgaste físico e mental, procuro na música um tipo de refúgio. Às vezes, a última coisa que eu quero é ficar preso com os meus pensamentos.

Minha maior frustração acontece quando o fone para de funcionar. Seja de algum vendedor ambulante ou de alguma loja de eletrônicos na avenida da minha casa, comprar outro fone ocupa o topo da minha lista de prioridades. Não me importo com a marca ou com a durabilidade, desde que funcione em um primeiro instante.

Assim, eu posso voltar para o meu refúgio. Relevo minhas responsabilidades da semana e mergulho nas melodias. Reparo em cada detalhe da produção e, se a ilusão for permitida, me aproprio da fantasia de ser o dono daqueles versos.

Sem que o artista saiba, ele é aquele que me acompanha em grande parte das minhas reflexões, medos, sonhos e desejos. Tudo isso enquanto realizo uma baldeação da linha vermelha para a linha amarela do metrô.

A Forma da Criação Musical

Lara Arruda Paiva

Eu fui uma criança gulosa. Colocava comida demais no meu prato e nem sempre conseguia comer tudo. Minha mãe brigava comigo: me falava para pensar em todo o percurso que o alimento fez para chegar até mim antes de pensar em estragar comida.

Não sei se visualizar isso me tornou mais consciente. Eu era só uma criança. Mas me entretinha pensar num bucólico fazendeiro fictício comprando sementes de tomate e plantando-as com todo o amor. Ele vendia o fruto de seu trabalho e os tomates chegavam até o supermercado onde meu pai os analisaria um por um antes de colocar na sacola.

Perdi essa visão ao crescer – tudo é mais complicado do que parece no mundo dos adultos. Ironicamente, só recuperei esse tipo de concepção com meu primeiro emprego, observando o trajeto da distribuição musical.

É fácil abrir o celular, enfiar um fone de ouvido e tocar sua música favorita. Mas trabalhar com distribuição digital de música me trouxe a fantasia de imaginar cada etapa que uma música percorre até eu a tocar no Spotify.

Quando a música fica pronta, ela é enviada a uma distribuidora. Esta analisa as entranhas da música com inteligência artificial, som por som, para que a empresa não seja multada por violação de copyright. Então, uma agregadora envia o aparentemente irrisório arquivo a serviços de streaming como o Spotify e o Apple Music.

É curioso pensar que um músico compondo com seu violão, sua alma se denunciando, possa ser reduzido a códigos e metadados cheios de burocracia. Ao contrário da distribuição de alimentos – que além de tangível tem óbvia importância social – a distribuição musical é inalcançável, volátil. Nada existe no aqui e agora corpóreo. A criação musical que tanto romantizei mudou de forma. Destrinchar esse percurso só me tornou mais consciente da peregrinação que uma música faz para chegar até meus ouvidos.

A Primeira Nota

Mariana Carneiro de Souza

Era um domingo à noite quando eu fui no meu primeiro show musical. Minha mãe não estava muito empolgada em me levar para ver uma banda adolescente, que poderia ter saído de um seriado da Disney, em uma casa de shows abarrotada de pessoas.

A longa espera pelo início do show foi marcada por uma sinfonia de gritinhos entusiasmados. Na plateia, várias meninas impacientes não conseguiam conter sua empolgação. Eu era uma delas.

No menor sinal de que os artistas começariam o show, todas nós saíamos de nossos assentos marcados e corríamos até a grade, que nos deixava a poucos metros do palco.

Alarme falso. Era só a produção testando o som. Voltamos para os nossos lugares.

A cena se repetiu três vezes até a primeira mãe reclamar. “Paguei caro para trazer minha filha aqui! Não quero toda essa gente em pé na nossa frente!” Outras mães, preocupadas, reclamavam pois não queriam perder as filhas pré-adolescentes de vista. Minha mãe era uma delas.

Então, os seguranças do local estabeleceram uma nova regra: é proibido sair do próprio lugar. Agora, a cena era outra. Na plateia, várias meninas impacientes se encaravam em silêncio. Nossa comunicação era quase telepática. Uma levantada de sobrancelha aqui, uma confirmação com a cabeça ali. Todas nós sabíamos o que fazer.

Foi só a banda tocar a primeira nota que eu saí em disparada. Corri, com o coração saindo pela boca, e só parei quando senti o metal gelado da grade de proteção bater contra a minha cintura. Centenas de garotas vieram atrás.

Naquela noite vivi uma experiência totalmente nova. Senti a vibração das caixas de som atravessarem o meu corpo. Me deixei levar pela energia contagiante das colegas com quem eu dividia espaço na plateia.

Enquanto isso, minha mãe me ligava várias vezes querendo saber em que parte daquela casa de shows eu tinha me enfiado.

Levei uma bronca enquanto voltávamos para casa, mas valeu a pena.

SORTE

Sorte em Trânsito

Ana Luiza de Araujo Vaz Cardozo

São Paulo, Marginal Pinheiros, 19 horas.

O momento é para os fortes: carros, buzinas, fumaça, barulho. Anda, para, anda, para…

Depois de um dia cansativo, tive o azar de me ver longe de casa. E no meio do trânsito travado desta cidade, tendo para onde ir, sem ter para onde ir, brotam uma sorte de pensamentos.

Coisas que já e coisas que estão por vir. Devia ter adiantado minha tarefa, agido com mais confiança, abraçado minha mãe. Vou precisar de força no escritório, entregar o trabalho, pagar a conta. Vou precisar de coragem para a vida.

No meio do caos, onde ficam as coisas do agora?

O vento que bate no meu rosto, a dança das luzes pelo caminho, o azul profundo do céu anoitecido, o colorido da fachada do Teatro Santander, a grandeza da Ponte da Água Espraiada e o afeto do casal na plataforma da Berrini.

Eu não devia te dizer, mas essa lua, esse respiro, botam a gente comovida como o diabo.

Perdida em ideias, me encontrei no encanto de ser e na fortuna de estar. Quem diria? Foi meu dia de sorte no meio do azar.

Sete Anos de Azar

Beatriz Gimenes Sardinha

Ah o azar, se a sorte está em toda parte, o azar também. No sábado, o espelho da minha casa quebrou.

A minha vontade instantânea foi de colocar um timer de sete anos no celular. Mas quem foi aquele que condenou todo o desastrado a ter sete anos de azar por quebrar um espelho?

E como praticamente todas as coisas da nossa sociedade ocidental, isso também surgiu na Grécia, mais especificamente no século seis antes de Cristo. A partir de um método de adivinhação chamado catoptromancia que estava presente na cultura do país mediterrâneo.

Essa espécie de ritual consistia na leitura de um vidente, feita a partir de recipientes cheios de água. E aí, por causa da água, era possível ver o reflexo da pessoa. Se o recipiente caísse, significava que a pessoa estava condenada a eventos catastróficos ou que sua morte estava muito próxima.

Er… Chega de falar dos gregos, o que realmente me intrigou essa semana foi a coexistência do azar e da sorte numa mesma situação. Como vocês já sabem, no último sábado o meu espelho quebrou. E é um fato que realmente tive azar em meu espelho ter caído. Além do tempo perdido, não é tão barato comprar um espelho novo. Mas o que realmente não sai da minha cabeça é um caso muito curioso e que eu não tinha ideia de que teria relação com o caso do meu espelho caído.

Há algumas semanas eu estava junto das minhas amigas e um episódio não tão incomum aconteceu comigo. O meu chinelo rompeu no meio da rua. Só que esse chinelo tem uma palmilha muito mais grossa. Até aí normal, uma amiga minha emprestou um chinelo. Só que esse chinelo tem uma palmilha muito mais grossa e alta do que a minha, que tinha sido rompida.

A questão é: eu tive azar do meu chinelo ter rompido na rua. Mas foi justamente essa palmilha enorme do chinelo da minha amiga que evitou que um pedaço espesso de vidro atravessasse o chinelo e entrasse no meu pé no sábado de manhã.

Nesse caso, um azar ocasionou uma sorte dentro de outro azar.

Dar Sopa para a Sorte

João Pedro Barreto Fontes

Todos os dias essa sequência de sons começa meu dia: o toque do despertador seguido da música “Sou + você”, dos Racionais MC’s. "Ei, ei! Vamo acordar, vamo acordar, porque o Sol não espera, demorô. Vamo acordar, o tempo não cansa. Ontem à noite você pediu, você pediu uma oportunidade, mais uma chance", eu os ouço dizerem todos os dias.

E, todos os dias, minha vida segue o mesmo roteiro: acordar de manhãzinha, ir para a faculdade, ter uma aula xexelenta e voltar para casa. Sinto que estou preso num marasmo que vai ditar o ritmo da minha vida. Nada de interessante acontece e não posso fazer nada pra mudar isso. A sorte não sorri para mim. Não tem jeito.

Até que um dia escuto, nessa mesma música o seguinte trecho: "A preguiça é inimiga da vitória. O fraco não tem espaço e o covarde morre sem tentar".

Espera. Essa frase sempre esteve aí? Todos os dias ouço essa mesma música e nunca reparei nisso? “O covarde morre sem tentar...”. “O covarde morre sem tentar...”. Enquanto me arrumava para sair, essa frase ecoava na minha mente. Essa é a primeira faixa do meu álbum favorito e que usava de despertador todo dia. Eu sempre estou com tanto sono assim para nunca ter percebido isso? Ela parece ter sido escrita para mim. Me senti ofendido pelo Mano Brown.

Eu insisto em pensar que não tenho sorte, que as coisas, por obra do acaso, não dão certo, que o destino desenhou essa vida monótona para mim. Mas eu estou tentando? Eu estou dando chance para a sorte? E se eu tentar e tiver azar? Vale a pena correr esse risco? Enfim, sei lá.

Segui meu dia. Meu mês. Meu semestre. Aos poucos, meio que sem perceber, fui me permitindo a dar mais sopa para o azar. Ou para a sorte como queira. Depois de uns meses, ganhei uma namorada, um emprego novo, novas amizades. Mas também errei, me desiludi, perdi dinheiro, saúde. Acho que o saldo foi positivo, mas poderia não ser.

É claro que continuo acreditando nos conceitos de ‘sorte’ e ‘azar’, mas passei a ressignificá-los. A sorte não surge do nada, nem o azar. Não dá para achar que vou tropeçar em uma oportunidade de emprego. Ou em uma amizade inesquecível. Ou no amor da minha vida.

A real é que você tem que se permitir a viver essa sorte. Por mais que ela possa ser um azar. Como diria Cazuza, temos que correr o risco, apostar num sonho de amor. O resto é sorte e azar.

Até que um dia escuto, nessa mesma música o seguinte trecho: "A preguiça é inimiga da vitória. O fraco não tem espaço e o covarde morre sem tentar".

Espera. Essa frase sempre esteve aí?

João Pedro Barreto Fontes

Maior Sorte

Lívia Batista Magalhães

O médico me olhou achando graça.

“Parece até que você está indo ao cinema” comentou sobre meu relaxamento. Tentei falar que talvez tivesse algo a ver com a epidural, mas as palavras não saíram, e só consegui esboçar um sorriso inebriado. As paredes brancas eram tão claras que me cegavam como se fosse um quarto escuro feito breu, e logo caí num sono profundo. A próxima coisa que me lembro foram os gritos.

Eu os ouvia através de um véu, que tornava o som oco e distante, ainda que me perfurassem. Sua dor, eu acredito, doía mais em mim do que em você.

De repente, como que por mágica, o silêncio reinou.

Olho para baixo e lá está você, com a cabecinha mole que tanto me aterrorizou nos meses seguintes, encostada no meu peito. Você era uma paz que nunca voltou a ser. Apesar do parto tranquilo, você estava virada. O médico não te retirou, como é de praxe, pela cabeça, mas pela sua bundinha de neném. Ele brincou que você nasceu com o bumbum virado pra lua, mas eu sabia que isso não era brincadeira nenhuma. A sua primeira sorte foi ter vindo de mim. O que são casualidades e probabilidades se não esse conceito místico e até vulgar que chamamos de boa ou má sorte? Eu gostaria de entender, mas vou deixar essa para os filósofos. Só sei que a calmaria do seu nascimento foi um presságio de todos os trevos de quatro folhas que você encontraria ao longo da vida. A sua segunda sorte deve ter sido como nunca te deixei cair de maneira fatal, ou como você sempre atravessou a rua de forma segura, mesmo que soltasse as minhas mãos, que nunca deixaram de buscar as suas, e que por sua vez só buscavam independência. Para ficar vivo, necessita-se de uma baita sorte. E, por te ter comigo, ganhei na loteria.

Eu Já Escuto os Teus Sinais

Luana Costa Franzão

Tudo é um sinal, se você for maluco ou conectado o suficiente. Nunca fui de ignorar os desígnios da vida, mas, depois de um certo final de ano, passei a ser obcecada por decifrar as mensagens que o universo tenta me enviar.

Em um quase feriado em que as infinitas horas trabalhadas maltratavam os neurônios, o martelo foi batido: vamos viajar no ano novo. Para onde e com quem pouco importava, a missão exclusiva era deixar a capital paulista para trás e ver os fogos bem longe dos notebooks.

Após convidar uma série de amigos queridos, a escalação foi definida: eu, Luana, João e Pietra iríamos passar a virada em Salvador. Poucas coisas poderiam ser mais atraentes: em pleno verão, os acarajés e a tarde em Itapuã já faziam parte da programação.

Os dias foram sendo riscados no calendário e a data do embarque se aproximava. Em mim, o sentimento de inquietação crescia. Não uma ansiedade boa, mas aquela voz da consciência que sugere que algo que dê errado, não está certo.

Para quebrar a ilusão de que os meses agonizantes de pandemia da Covid-19 se afastaram, uma mensagem acendeu nas telas do grupo de viajantes: “Pessoal, estou com Covid”, disse João, em áudio.

Dali em diante, Pandora abriu a caixinha e não a fechou mais: nem o jornal me dava trégua. Todas as manchetes avisavam que a Bahia enfrentava as piores inundações em décadas, com incontáveis cidades em estado de emergência.

O tamanho da roubada aumentava quando Pietra e eu percebemos que não estávamos no mesmo voo em direção à capital baiana. Seria um pequeno contratempo, se andar de avião não estivesse entre os piores medos da minha amiga. Entrar num pássaro de metal sozinha não estava nos seus planos, quando ela me deu um ultimato: não entraria naquele avião sozinha.

Eu tinha certeza de que tinha prestado atenção em todos os detalhes do planejamento, como eu poderia ter comprado a passagem errada? Só pode ter sido obra do azar. Os maus agouros vinham de todos os cantos. Eu, deliberadamente ignorando as vozes do universo, me mantive firme na ideia da viagem.

Até que uma ligação virou a chavinha do meu cérebro de vez. Por volta das sete da manhã, recebo uma ligação. “Amiga, eu sonhei com você essa noite. Não me lembro exatamente do que aconteceu, só me lembro de acordar chorando”, disse Gabriela, uma das minhas melhores amigas, no telefone.

Até eu, inabalável otimista, percebi que a sopa que eu estava dando para azar, era muito grande. Se no ano novo, tudo o que mais queremos é boa sorte, me parecia a hora de dar o braço a torcer.

No final das contas, o cenário da virada de 2021 para 2022 foi a Avenida Martin Luther King, em Osasco, e apesar dos pesares fui muito feliz – a sorte é eu estar aqui para contar a história.

Carta para os Desavisados

Thiago Campolina de Sousa

Não sei se é por medo ou apenas por ignorância, mas eu sinto que as pessoas não admitem o simples fato de que eu existo.

Elas veem todas as coisas que eu apronto por aí – disso eu tenho certeza.

Só que ao invés de reconhecerem tudo isso como obra minha, vocês as jogam na conta de outras entidades.

Eu acho que é medo de aceitar que eu sou o guia da vida de todos.

Aliás, para quê falsa modéstia? Guia não – o chefe.

Tudo o que acontece do primeiro até o último dia, podem botar na minha conta. Na minha, ok?

A sorte não existe, assim como o azar também não.

Quando a paixão se instala no peito de alguém, foi porque eu decidi. E quando é um câncer, também.

Sorte e azar são invencionices suas, que pressupõem algum tipo de força lógica ou moral.

Mas eu não funciono de acordo com elas.

A sorte e o azar são relativas: achar uma nota de cem na rua é ótimo para quem encontrá-la, mas péssima para seu antigo dono.

E eu não tenho um método para escolher quem é quem nessa história. Eu faço simplesmente o que me dá na telha.

Em todos os meus longos anos de trabalho, não houve uma única vez em que eu tenha tomado uma decisão baseada em mérito.

São vocês que enxergam o mérito nas minhas ações, como se eu as tomasse de acordo com as suas próprias ações no decorrer da vida.

Talvez até fosse melhor desse jeito, mas aí não teria muita graça para mim, concordam?

E a verdade é que nem faz tanta diferença porque vocês acreditam nisso mesmo assim. Por isso, apenas aceitem de uma vez e parem de dividir minhas funções e meus poderes em dois.

Azar não existe. Sorte não existe.

Assinado, Acaso.

Em todos os meus longos anos de trabalho, não houve uma única vez em que eu tenha tomado uma decisão baseada em mérito.

São vocês que enxergam o mérito nas minhas ações, como se eu as tomasse de acordo com as suas próprias ações no decorrer da vida.

Talvez até fosse melhor desse jeito, mas aí não teria muita graça para mim, concordam?

Thiago Campolina de Sousa

TORCIDAS

Tantas Vezes Flamengo

Antônio Victor Gama Misquey

23 de novembro de 2019. Entre tantas vezes Flamengo, aquele dia foi o ápice. Fui mais flamenguista que nos outros 7.452 dias da minha vida.

Tudo porque esse 23 de novembro era inédito para um garoto de dezesseis anos. Era final de Copa Libertadores. O outro 23 de novembro tão épico quanto fora 38 anos antes, em 1981, que talvez eu tenha experimentado por uma vida passada. Suspeito disso porque o que senti, no dia do jogo, tinha raízes, talvez sobrenaturais.

Mas claro, as raízes mais óbvias vêm de casa. Meu pai, ensinado pelo meu avô, me ensinou que futebol é um gesto de amor, raiva, passatempo, tradição; uma grande mistura de sentimentos. Como bom brasileiro, eu acreditei que poderia depositar ali, naquele 23 de novembro, tudo o que senti desde então.

Eu já havia chorado por futebol uma ou outra vez. Um mês antes do 23 de novembro, inclusive, meus olhos marejaram sob a êxtase de um sonoro cinco a zero no Grêmio, o único jogo que eu fui com meu pai no novo Maracanã até hoje. Foi nesse clima que corremos pela estrada, bem abaixo das três horas previstas de viagem, para ir ao Rio de Janeiro. Mais especificamente, à casa do meu avô.

Não me recordo de outra oportunidade em que nos juntamos em três gerações para ver o Flamengo jogar. O meu vô, mais velho, frequentou o Maracanã desde a abertura. Meu pai frequentou jogos históricos da era de ouro do Flamengo. Eu? Dezesseis anos de idade e pouca independência para repetir os feitos do passado. A minha falta de experiência me fez sentir mais a apreensão de uma final.

Sentado no chão, entre a TV e o sofá, manifestei com todo o meu silêncio o nervosismo. O som máximo que eu emiti foi o dente quebrando as dez unhas da mão. Foram 89 minutos acreditando que seria ali, em família, como poucas vezes é, a maior frustração da minha vida como torcedor.

Mas era 23 de novembro, e não à toa. No enredo mais épico, na virada mais histórica do esporte, em gols de lances únicos, eu vivi o meu primeiro título internacional. Em prantos. Só havia chorado tanto na partida da minha mãe. Não era um sentimento infantil, nem de gente madura. Era uma paixão que ganhou significado pela vitória. Era a paixão do torcedor, tenha ele dezesseis, 51 ou 85 anos.

Sentado no chão, entre a TV e o sofá, manifestei com todo o meu silêncio o nervosismo. O som máximo que eu emiti foi o dente quebrando as dez unhas da mão.

Antônio Victor Gama Misquey

Ritos Estranhos

Filipe Albessu Narciso

Particularmente, nunca entendi o apelo de torcer por um certo time ou uma certa equipe. Acho que minha experiência como criança diferente e, depois, como pessoa *queer*, nunca me permitiram um senso de identidade com esse tipo de agito. Desde muito novo, não torci para o Brasil em Copas do Mundo. Eu só nunca entendi, assim como hoje não entendo, porque o maior campeão do mundo precisaria de mais títulos.

Conforme fui envelhecendo, minha situação com o torcer foi ficando cada vez mais insustentável. Minha ansiedade já não me permitia mais assistir a jogos sem me sentir desconfortável. Mesmo sem vínculo algum com a partida, para mim era muito difícil conseguir parar e assistir a um esporte ou qualquer outro tipo de competição sem meus sentidos ficarem turvos e eu ter receio de ter uma crise ou algo aproximado.

Não só isso, mas algo também mudou em mim. Ao ficar mais velho, percebi que muitos eventos de "espírito esportivo" a que fui submetido foram, na verdade, situações de violência.

Parece ser óbvio para todo mundo, menos para mim. É pela promessa de possível vitória ao final? Se sim, me parece utilitarista. É pela prática de atividade física? Então o que dizer de nós, espectadores letárgicos? É por algum sentimento? Se for, acho que vim com um cérebro incapaz de o sentir. É por um suposto "sentimento de união"? Caso sim, esse mesmo argumento não pode ser usado para justificar uma seita?

Isso exposto, tenho visto hoje em dia um comportamento que admiro. Percebo um esforço maior por uma ideia de inclusão e combate a preconceitos nos esportes, desde a transmissão de campeonatos femininos até cobranças sobre LGBTfobia. E espero que isso continue.

Mesmo que seja algo incompreensível para mim, sei que é muito importante para muitas pessoas e para a sociedade como um todo. Então, que possamos reconhecer o torcer como uma das esferas políticas da vida e, consequentemente, cobrar equidade e respeito em sua atividade.

Empolgação de um Jornalista

Gustavo Assef Foltran Marsiglio

Era um domingo frio e um pouco chuvoso. Um dia pacato até então, de poucas emoções, mas que a cada segundo ganhava ares mais dramáticos.

Enquanto o tempo passava, a tensão ficava cada vez mais palpável no ar, porque era dia de playoffs. Era dia de jogo entre o *"Boston Celtics"* e seu maior rival, o *"Philadelphia 76ers"*.

Como torcedor celta, existia um mix de emoções. Por um lado uma confiança que veio com as duas vitórias consecutivas para cima do rival. Mas do outro, um medo grande de ver um time talentoso perder para si mesmo e deixar escapar a chance de um possível título.

Mas essa nem era a maior de minhas aflições. Para piorar, eu estava escalado para cobrir esse jogo, relatando tudo o que acompanhei de maneira objetiva e, teoricamente, imparcial.

A hora chegou. Em quadra, as duas equipes lado a lado, prontas para o duelo. Na minha cabeça, a parte jornalista lado a lado com a parte torcedor, prontos para uma batalha épica.

Quando a bola sobe, tudo começa.

Boston jogava fora de casa e, como eu no começo do dia, parecia estar dormindo acordado. Do outro lado, os *76ers* estavam embalados com sua torcida, vibrante e bem arrogante.

Joel Embiid e James Harden, as duas estrelas da equipe, logo apareceram e lideraram suas tropas. A cada relato, era uma mistura de tristeza e raiva crescendo dentro de mim, mas que deveriam ser deixados de lado para manter a objetividade.

O jogo foi passando, os donos da festa se distanciando no placar e a aceitação da tristeza e da derrota foi tomando conta por dentro.

Porém, os *Celtics* liderados por Jayson Tatum voltaram para a partida nos minutos finais. Com a equipe perdendo por mais de dez pontos. Tatum deu vida aos companheiros e a minha esperança como torcedor. Todos, juntos, ganharam energia e Boston passou à frente no placar.

Mas essa empolgação não durou muito.

Não durou porque James Harden, a estrela conhecida por apagar nos momentos mais importantes apareceu brilhando como nunca para Philadelphia cesta após cesta. Quebrando um torcedor e empolgando um jornalista, a partida foi histórica nesse ponto.

Nos segundos finais, os *Celtics* ainda tinham dois pontos de vantagem e, no momento mais decisivo, James Harden decidiu o jogo para os *Sixers*, fazendo o ginásio explodir, meu coração acelerar e escrever, em letras garrafais como um grito de um apaixonado pelo esporte, que havia acabado de dar a vitória para Philadelphia.

Sim, foi essa a última empolgação do dia, foi a de um jornalista.

O que é Torcer para o Não Torcedor?

João Francisco Motta Aguiar

2019, Copa Libertadores. O Flamengo está em um de seus períodos mais esquentados das últimas décadas. Ou não, não sei nem nunca soube. Para mim, completo estrangeiro ao país do futebol, restava surfar a onda dos colegas mais apaixonados. Depois da Libertadores, achei que estávamos em uma nova era de ouro do time. Na final caótica contra o *Liverpool*, parecia uma decadência apocalíptica do futebol brasileiro. Acompanhar uma torcida em seus altos e baixos é uma montanha russa ainda maior quando você é exterior àquele laço invisível que os une.

Cresci vendo meu pai, flamenguista assíduo, festejar toda vitória aos berros e chorar toda derrota. Tímido como eu era, a angústia da casa barulhenta deve estar relacionada com meu desinteresse pelo esporte. Fui me aproximando de outros interesses e continuei assim por anos. Só na Copa de 2018, quando devo ter sido forçado a mão armada a ver um jogo do Brasil, que parei para viver uma torcida como membro, não espectador dos espectadores.

E viver a Copa é um carnaval, uma folia que vai muito além do jogo e se torna uma comemoração do que é ser brasileiro, num país tropical, abençoado por Deus, etc. Se unir para sorrir ou para chorar, sem nenhuma outra coisa no mundo. Com a saída do Brasil do torneio, os ânimos foram se acalmando, mas meu descobrimento (diga-se de passagem, muito tardio!) do social do futebol iria deixar seu encanto por tempos a virem.

Voltemos a 2019, Flamengo, Libertadores. Acompanhar a febre rubro-negra ao longo do ano fez a animação dos torcedores se tornar quase viral a qualquer um, e não consegui resistir. Quem me olhasse cantando hinos e balançando a bandeira durante meses não faria ideia de que minha "torcida" pelo Flamengo era recém-nascida.

É essa a euforia que faz um torcedor vestir o manto? Participar de algo maior que nós mesmos, quando outros "algos" como a fé e a cidadania são tantas vezes frustrantes, é algo forte como sempre nas torcidas brasileiras. Estrangeiro que sou, nunca vou saber se meu lapso de participação para o mengo foi uma tentativa de entrar na febre, ou uma janela para como é viver o esporte de fora das quadras. Mas sinto que, de qualquer forma, aprendi que torcer vai muito além do físico; é se abstrair, e pertencer àquilo que se ama viver.

E viver a Copa é um carnaval, uma folia que vai muito além do jogo e se torna uma comemoração do que é ser brasileiro, num país tropical, abençoado por Deus, etc. Se unir para sorrir ou para chorar, sem nenhuma outra coisa no mundo.

João Francisco Motta Aguiar

Meu Sport

Reginaldo Ramos Silva Filho

Em Recife se aprende desde pequeno que um recifense só pode devotar sua torcida a um time que seja também recifense. Nada de Flamengo, Corinthians, Palmeiras e Vasco. Aqui somos Sport, Santa Cruz ou Náutico. É tradição. A ligação com o time é amalgamada com o pertencimento à terra e faz parte de uma identidade que vai muito além das quatro linhas do campo. Independente de qual seja o escudo escolhido, ser fiel a um deles é ser fiel às suas raízes. Eu, pessoalmente, sou Sport.

Dia 26 de Abril de 2023, quarta feira, oito horas da noite em ponto. Acho um pedaço de casa perdido na Bela Vista. Luzes bem amareladas, um cheiro forte de pimenta, mesas forradas com macaxeira, sururu, fava e caldinho de feijão. O som ambiente preenchido por prosas em tom alto e recheadas de um sarcasmo bem particular do pernambucano. Com as línguas chicoteando os dentes ao falar, estavam ali reunidos alguns bons órfãos da Ilha do Retiro. O chamado Consulado do Sport Club do Recife é massa.

Essa quarta feira era de uma noite decisiva. Logo, casa cheia. Era o jogo final da terceira fase da Copa do Brasil de 2023 contra o Coritiba. A ida havia sido na casa deles, três a três. Agora, o Leão contava com a vantagem de fazer o jogo da decisão na Ilha. No bar, todos estavam bem confiantes, o que não é muito habitual. Um bom Rubro-Negro sabe se esquivar do sofrimento. Mas acontece que dessa vez o time vinha invicto dentro de casa. dezessete jogos, dezessete vitórias.

Rola a bola, e no contrassenso do que se espera de uma torcida, silêncio, até que a bateria puxe o grito de guerra, ah, e sim, temos uma bateria de torcida completa no bar, tocando o jogo inteiro. Enfim soa um berro do fundo. E é tudo mesmo. Durante o jogo, com a bateria incessante no fundo, se ouve histórias de tudo quanto é jeito sobre loucuras feitas pelo time. Um dos torcedores conta animado sobre como em 2014, na final da Copa do Nordeste pegou uma kombi velha com seu primo, colocou seus três filhos dentro, todos crianças, e foi até o Ceará, sem ingresso, pra tentar entrar no estádio na partida final.

De repente, ainda no início da partida, um a zero para o Sport, clima de festa. Ao final, dois a zero. Jogo tranquilo para o Leão, uma raridade em decisões. Comemoram as vozes e tambores. Mais uma vez braveja a torcida, pelo Sport tudo, *caza caza caza*.

Em seguida, no meio das mesas alguém ergue a bandeira, azul e branca, cruz, sol, arco íris, listras vermelha, amarela e branca, nada de verde, e três estrelas no lugar de apenas uma. Salve a terra dos altos coqueiros, e se canta o hino nacional. Segue a festa. Maracatu, Chico Science, Alceu… É como dizia Ariano Suassuna, Felicidade, meus queridos, é torcer para o Sport.

A Nuvem Azul

Valentina Moreira e Cândido

Hora do almoço na rua Treze de Maio. Domingo. As famílias que chegaram às onze horas começaram a sair das cantinas. A calçada está cheia de velhinhos e crianças de rostinhos sorridentes e bochechas rosadas. Na porta da "cannoleria", número 718, um grupo de homens de meia idade cresce. Cinco viram sete, que viram nove, que viram onze.

Todos brancos, com cara e sotaque de quem veio de longe. Vão se aglomerando numa daquelas estruturas de madeira que ocupam vagas de garagem. Ninguém se senta. Estão todos com uma blusa azul celeste escrita *"lete"* em vermelho. Uma blusa que uma brasileira desavisada pode até não reconhecer, mas consegue intuir que se trata de futebol. Os torcedores circulam no meio da rua obrigando os carros a pararem. Param também os pedestres, curiosos em adivinhar que time é esse.

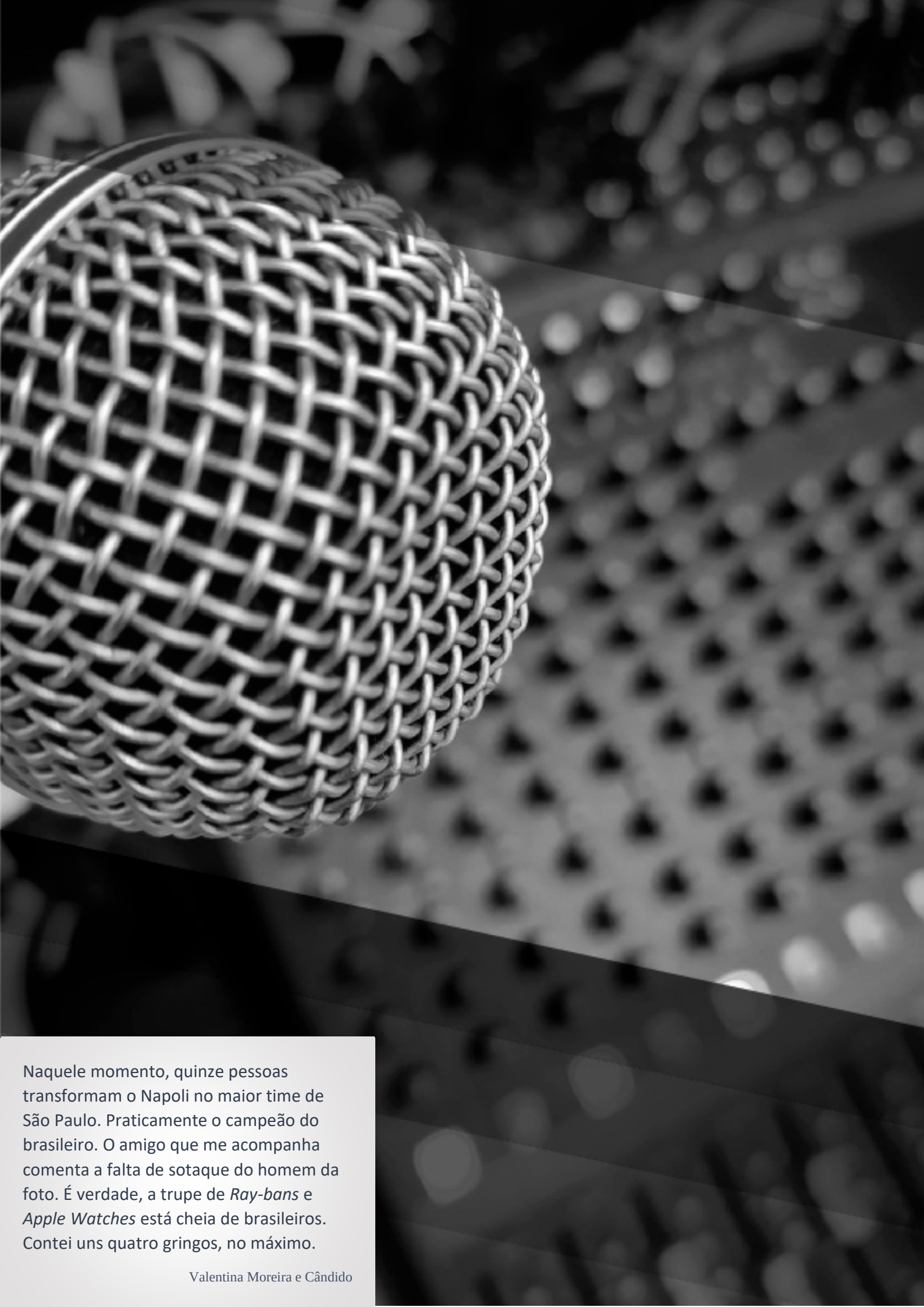
De repente alguém acende um bastão de fumaça e a Treze de Maio inteira é colorida de azul celeste. Começam os gritos que, para aquele bairro e para aqueles gestos, falam o único idioma que todo mundo entendia. *Via fanculo Spezia! Via fanculo Lazio! E soprattutto, Via fanculo Udinese! è il Napoli campione, amici miei! Campione!!*

O tal time de Diego Maradona estava há trinta anos sem ver um título do Campeonato Italiano. Jogo no Google e parece que é isso mesmo. Entendendo ou não a euforia, outras pessoas da calçada entram na festa. Chega a *Margueritta*. Podem tirar uma foto nossa? Difícil caber a rua inteira.

Naquele momento, quinze pessoas transformam o Napoli no maior time de São Paulo. Praticamente o campeão do brasileiro. O amigo que me acompanha comenta a falta de sotaque do homem da foto. É verdade, a trupe de *Ray-bans* e *Apple Watches* está cheia de brasileiros. Contei uns quatro gringos, no máximo.

Começo a pensar em todos os times de futebol que existem no mundo. Nos times de futebol do interior de países estrangeiros, de preferência aqueles que estão há algumas décadas sem vencer. Será que São Paulo guarda um torcedor para cada um deles? Depende. Do que exatamente? Uai. Do nível de contribuição do time para manter a puríssima tradição europeia da maior cidade da América do Sul.

A nuvem azul se dissipa. As pessoas da rua parecem menos impressionadas. Aos poucos vão vencendo o transe da comemoração e voltam para seu ritmo um pouco menos apressado que o de uma segunda-feira. Volto para meu amigo. Pensava que você gostava de futebol. E gosto… vai falar que não deu um charme. É verdade, essa é definitivamente a pizza mais napolitana que eu já comi.



Naquele momento, quinze pessoas transformam o Napoli no maior time de São Paulo. Praticamente o campeão do brasileiro. O amigo que me acompanha comenta a falta de sotaque do homem da foto. É verdade, a trupe de *Ray-bans* e *Apple Watches* está cheia de brasileiros. Contei uns quatro gringos, no máximo.

Valentina Moreira e Cândido

Referências

CARDOSO, Marcelo. **Locução para o Radiojornalismo**. Aula ministrada aos alunos do Curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo, no Laboratório de Radiojornalismo, das 8 às 12 horas, em 17 de abril de 2022.

MALULY, Luciano Victor Barros… [et. al] **Crônicas para ler e ouvir**. São Paulo: ECA-USP, 2021.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**. Adamantina (SP): Mantiqueira, 2003.

Acesse: http://alterjor.webhostusp.sti.usp.br/

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

JORNALISMO E EDITORAÇÃO

Universidade 93.7